

## NARRATIVA DO NÃO-PERTENCIMENTO: A TRAJETÓRIA DE MARJANE SATRAPI EM *PERSÉPOLIS* (2007)

Ludmila e Silva Masih<sup>1</sup>  
Liana Viana do Amaral<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho analisa as questões identitárias presentes no quadrinho autobiográfico *Persépolis* (2007) da escritora e ilustradora iraniana Marjane Satrapi. A obra narra a migração da autora, que parte para a Áustria após a Revolução Islâmica de 1979, e retorna ao seu país natal depois de quatro anos. O intuito dessa pesquisa é explorar como esse processo de deslocamento culminou na crise identitária e na sensação de não-pertencimento de Satrapi, que são descritas na obra em análise. Busca-se ainda identificar nos relatos presentes no quadrinho os conceitos de identidade cultural e hibridismo, tendo como referencial teórico estudiosos da comunicação, como Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Para isso, a presente pesquisa desenvolveu um estudo de caso sobre *Persépolis* (2007), do qual se pôde aferir que o *status* de imigrante oriental no Ocidente e os choques culturais vivenciados durante processo migratório foram determinantes para a sensação de inadequação e confusão identitária de Satrapi durante sua experiência no exterior e no seu posterior retorno ao Irã.

**Palavras-chave:** identidade cultural, pertencimento, imigração, culturas híbridas.

### 1. Identidade e pertencimento

Stuart Hall, em sua obra “*A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*” (2006), discorre sobre as questões de identificação e de pertencimento na contemporaneidade, defendendo o caráter instável e mutável das identidades culturais e apontando a globalização e as diásporas como as duas principais forças responsáveis pelas fragmentações identitárias. Para o autor, as sociedades contemporâneas, com o grande fluxo, seja este físico ou virtual, de informações e de pessoas, se configuram como um palco de transformação das identidades, que se antes eram vistas como fixas e unificadas, atualmente são consideradas fragmentadas.

Esse processo de deslocamento das identidades, catalisado pelo contato com outras culturas, seja este pela globalização ou pela migração, significa, para Hall (2006), um afrouxamento da identificação com as culturas nacionais próprias. A

---

<sup>1</sup> Jornalista graduada pela Universidade Federal do Ceará. email: lud.masih@gmail.com

<sup>2</sup> Prof. Associada do Curso de Comunicação Social–Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Sociologia pela UFC. E-mail: lianaamaral@yahoo.com

consequência desse enfraquecimento identitário é, como sugere o autor, uma crise de pertencimento que surge com a incerteza de quem se é e de qual o seu lugar no mundo (HALL, 2006).

Assim como Hall, o teórico polonês Zygmunt Bauman utilizou de sua perspectiva como imigrante para discutir a sensação de não-pertencimento e a crise identitária. Segundo o autor, a fragmentação das identidades é um fenômeno característico da sociedade atual que é partilhado por milhares de indivíduos em todo o mundo, sobretudo aqueles que vivenciaram processos migratórios (BAUMAN, 2005). Tanto Hall quanto Bauman apontam os imigrantes como mais prováveis de sofrer com os questionamentos acerca de suas identidades pois, de acordo com os autores, essas hesitações vêm à tona em momentos de vulnerabilidade, como na migração.

Nesse cenário, a obra *Persépolis* (2007) da iraniana Marjane Satrapi surge como um exemplo de uma trajetória de não-pertencimento e crise identitária que vêm à tona com um processo migratório. O quadrinho autobiográfico narra desde a infância ao início da vida adulta da autora, retratando suas idas e vindas do Irã à Europa após a Revolução Iraniana de 1979 e mostrando as dificuldades e as consequências dessa crise de pertencimento vivenciada por Satrapi após sua mudança para um outro país.

O sentimento de pertença e a ideia de identidade são noções que surgem ainda na infância como conceitos centrais na percepção das crianças como sujeitos (WOODWARD, 2014). Desde cedo, é esperado que se faça parte de uma família, classe social, etnia, e, de forma mais ampla, de uma nação. O pertencimento orienta a existência: um indivíduo pertence a um tempo, espaço e grupo social, e é a partir dessa noção de pertencer que são formadas as relações espaciais, temporais e sociais das pessoas (DANTAS et al., 2010). Além disso, os conceitos andam lado a lado: um indivíduo sente-se parte de algo com o que consegue-se identificar e reconhecer como familiar de alguma forma. O jornalista brasileiro Luís Mauro Sá Martino, explica:

“A identidade de alguém, de um grupo ou mesmo de um povo passam por relações de comunicação estabelecidas interna e externamente, a partir das quais são criados e disseminados as narrativas e os discursos que permitem às pessoas se reconhecerem como parte de alguma coisa, como “iguais” a determinado grupo e diferente de outros” (MARTINO, 2010, p.29).

A importância de sentir-se parte e de identificar-se com um grupo, seja este relacionado à etnia, gênero ou nacionalidade, por exemplo, está diretamente relacionada à capacidade de um indivíduo de interagir com o mundo ao seu redor: sentir-se não pertencente e não identificar-se com um sistema de representações significa, na maioria das vezes, não estar plenamente inserido na sociedade em sua volta. Embora sejam muitas as razões para um indivíduo sentir-se à parte, no presente trabalho é analisado o não-pertencimento relacionado à migração. Para Canclini (1997), esse é um dos principais aspectos responsáveis pelo deslocamento das identidades e pela sensação de *inbetweenness*<sup>3</sup> na sociedade contemporânea.

Para Hall (2006), as culturas nacionais em que nascemos se constituem como a principal fonte de identificação que temos. O autor explica que é comum que se utilize a nacionalidade como uma forma de identificar-se e de situar-se no mundo contemporâneo. O termo utilizado por Hall para sintetizar essa idéia, “identidade cultural”, refere-se à identificação de um grupo específico, ou de um indivíduo, com categorias culturais como nacionalidade, etnia e religiosidade e à construção identitária que surge a partir do contexto cultural em que se está inserido. Alves (2012) elucida o conceito:

“Podemos perceber a ideia da identidade nacional como algo pertencente à própria constituição do indivíduo, como essência, determinante de atitudes e pensamentos, um sistema fixo e imutável fundado na mitificação do pertencimento a uma comunidade onde todos os sujeitos apresentam o mesmo comportamento e características semelhantes” (ALVES, 2012, p. 8).

A falta do sentimento de identificação nacional e cultural, de acordo com o filósofo Ernest Gellner, significa para o sujeito contemporâneo uma profunda sensação de perda subjetiva. Segundo o autor, espera-se que um indivíduo tenha uma nacionalidade e uma cultura da mesma forma que se espera que ele tenha “nariz e olhos”: “A ideia de um homem sem uma nação parece impor uma grande tensão à imaginação moderna” (GELLNER, 1983, p.6).

Embora Bauman (2005) defenda o caráter fictício da chamada “identidade cultural”, categorizando-a como algo imposto aos indivíduos e compreendido como intrínseco a todos, o autor define o conceito como intensamente contestado: “Sempre

<sup>3</sup> Expressão que pode ser traduzida para “entre lugar”, conceito amplamente utilizado nos Estudos Culturais.

que ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha” (BAUMAN, 2005, p. 83). De fato, se antes eram tidas como algo fixo e imutável, puro e não conflituoso, com o desenvolvimento dos estudos de autores como Bauman e Hall acerca do assunto, aceitou-se a noção do caráter instável e, por vezes, problemático das identidades.

## 2. Se não aqui, onde?: o não pertencimento

*Persépolis* (2007) tem como um dos principais aspectos a crise identitária sofrida pela personagem principal. Ao não compreender sua identidade e não conseguir responder a indagação de “quem sou eu?” Satrapi se vê incapaz de encontrar um lugar no mundo no qual se sinta pertencente. O processo longo e complexo de deslocamento da identidade cultural da autora tem início mesmo antes de sua ida para a Europa. Desde a infância, o contato com o mundo ocidental, ainda que à distância, influenciava sua identidade e sua forma de se relacionar com os símbolos culturais. Apesar disso, foi a sua migração para a Áustria que, de fato, trouxe à tona questionamentos acerca do assunto.

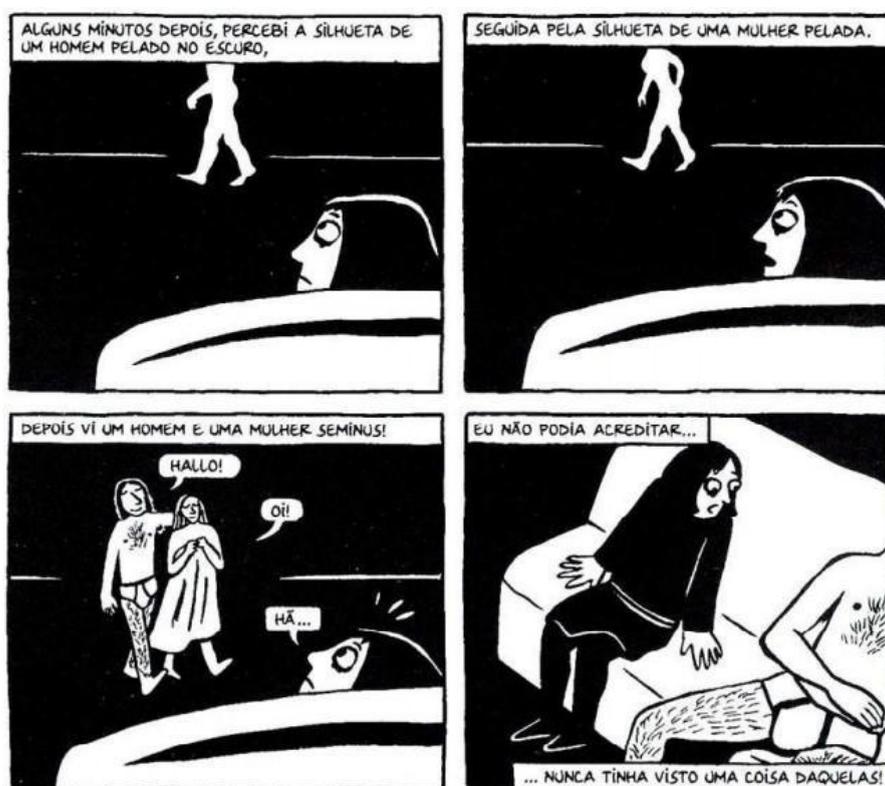
Segundo Hall (2006), a chegada e a vivência em um novo país pode representar um choque, pois representa um contato próximo e direto com uma cultura nova e possivelmente diferente. A mudança de um país para o outro e, conseqüentemente, de uma cultura para a outra, pode significar, para os indivíduos em trânsito global, um atenuamento com seus traços culturais originais à medida que acontece uma aproximação com uma outra concepção de identidade cultural. Alves (2012), afirma:

“Percebemos um afrouxamento dos laços culturais tradicionais, pois, embora possamos considerar que a cultura possui um local, já não é tão fácil determinar uma origem. Essa complexidade aumenta quando os trânsitos são dos próprios indivíduos através de outros espaços culturais, acentuando-se as tensões simbolizadas pelos objetos de consumo e as incertezas diante do contato com o que é diferente, podendo surgir a difícil posição de não pertencimento vivida pelo viajante” (ALVES, 2012, p. 6).

*Persépolis* (2007) é repleto de exemplos dos conflitos culturais vivenciados pela autora durante sua estadia na Áustria. Na obra em análise, as situações de maior choque para Satrapi eram relacionadas às diferenças de hábitos e de crenças entre o país

européu e a sua pátria natal. Estas disparidades tornavam-se claras para a jovem sobretudo dentro das relações familiares, amorosas e sexuais que, de forma geral, eram mais livres e flexíveis no Ocidente. Alguns dos episódios presentes na obra que mostram as discrepâncias entre as duas culturas foram relacionados à liberdade sexual da nova sociedade em comparação com a sua, como retratado no quadrinho a seguir.

Fig. 1: Nudez



Fonte: *Persépolis* (2007)

Embora de início as diferenças culturais provoquem choque, estranhamento e, por vezes, repulsa, por parte de Satrapî, com o passar do tempo, ela acaba absorvendo alguns desses traços. Após alguns anos na Europa, por exemplo, a jovem tem uma visão ocidentalizada sobre relações sexuais, o que fica claro em seu posterior retorno ao Irã. A inserção ou a proximidade a outra cultura, portanto, pode significar uma mudança no sistema de crenças e na própria identidade de indivíduos.

No caso de Satrapî, o desafio da migração foi intensificado por causa do peso carregado com sua nacionalidade num país europeu: Se antes não tinha que pensar

sobre o que significava ser iraniana, com a chegada na Áustria, isso mudou, e sua nacionalidade ganhou outros significados. Naquela época, segundo os relatos de Satrapi no quadrinho, o pouco que se sabia sobre o Irã, na Europa, era relacionado à guerra contra o Iraque e à turbulenta situação política do lugar, o que refletia na forma como a jovem era vista: não era apenas uma estudante intercambista, mas uma auto exilada que escapava da opressora situação política de seu país.

A mudança geográfica foi, portanto, apenas uma das questões que teve que experimentar: a inquietação por não se sentir integrada no novo país, a dificuldade de criar laços com os austríacos, o peso que carregava com sua nacionalidade e a constante sensação de viver uma vida paralela à realidade de sua família e amigos eram dilemas constantemente enfrentados no dia a dia.

Esse processo de desenraizamento da origem e de ambientação no novo espaço mexe com os mais íntimos sentimentos e percepções do imigrante (KRISTEVA, 1994). A adaptação à nova cultura não costuma acontecer naturalmente, exigindo do estrangeiro o esforço para se integrar numa realidade geralmente diferente daquela de sua origem. No caso de Satrapi, o processo de adaptar-se ao novo país foi ainda mais desafiador por conta do abismo cultural e social entre o Irã dos anos 80 e a Áustria.

Embora Satrapi tivesse contato com influências exteriores antes de migrar para o Ocidente, estar, de fato, dentro de uma sociedade ocidental mostrou-se mais complexo do que a jovem imaginara inicialmente. A solidão e a sensação de estar à parte marcaram os anos da autora no novo país, sobretudo por conta da dificuldade dos austríacos em se relacionarem com Satrapi e vice versa. Para Kristeva, isso seria consequência da ruptura causada pela experiência migratória:

“Os que jamais perderam qualquer mínima raiz não lhe parecem poder entender qualquer palavra capaz de relativizar os seus próprios pontos de vista. Então, quando nós mesmos somos desterrados, para que falar àqueles que acreditam ter os pés firmes em sua terra?” (KRISTEVA, 1994, p. 24).

A xenofobia, aversão contra pessoas estrangeiras, ocupa um espaço central na dificuldade de adaptação dos imigrantes em muitos países do globo. Para Kristeva (1994), o contato com esse outro, diferente de si, ao mesmo tempo que pode despertar interesse, pode repelir. Partindo de uma perspectiva do “eu” como parâmetro para o

certo e o ideal, essa interação pode ser conflituosa, levando à discriminação. Durante a estadia de Satrapi na Europa, situações de desconfiança e preconceito por parte dos austríacos se repetiram.

Em episódios retratados no quadrinho, a jovem narra situações vexatórias em que seu status de estrangeira e a sua nacionalidade foram a motivação para que fosse agredida verbalmente. Ao ser chamada atenção por uma das freiras responsáveis pelo albergue onde vivia, por comer diretamente de uma panela, por exemplo, seu comportamento é imediatamente associado à sua origem: “É verdade o que dizem sobre os iranianos. De fato, não tem nenhuma educação” (SATRAPI, 2007, p. 179).

Já morando em um outro alojamento, na casa de Frau Doktor, pouco antes de voltar ao Irã, Satrapi é acusada pela dona do local de ser prostituta ao receber seu namorado em seu quarto. Pouco depois, é também responsabilizada pelo sumiço de um broche. Apesar de não haver indício para as acusações, o fato da jovem ser estrangeira é suficiente para que Frau Doktor culpe-a pelas condutas impróprias.

Na intenção de integrar-se à sociedade austríaca, Satrapi decide passar por transformações que a deixe mais parecida com os europeus ao seu redor: adotou um visual *punk*, comum na época, cortando cabelo e fazendo piercings nas orelhas, distanciando-se da aparência de uma jovem iraniana naquele período. Além disso, começa a consumir autores europeus de relevância e a ter contato com substâncias ilícitas, como a maconha, na tentativa de mesclar-se entre os adolescentes da época.

Fig. 2: O novo visual



Fonte: *Persépolis* (2007)

Durante esse processo de metamorfose, Satrapi transparece seu descontentamento ao vivenciar algumas dessas transformações. Demonstra desconforto, por exemplo, ao sentir-se pressionada a fumar maconha: “Eu não gostava de fumar, mas participava por solidariedade. Na época, para mim, maconha e heroína eram a mesma coisa” (SATRAPI, 2007, p.194). Seu incômodo, entretanto, não era maior do que seu desejo de ser parte do grupo, como mostrado no quadrinho a seguir.

Fig 3: Tentativa de novos hábitos



Fonte: *Persépolis* (2007)

Os esforços para se integrar vinham acompanhados de culpa por estar agindo de forma contrária ao que seria considerado correto por seus pais, sua cultura e sua religião. Ao mesmo tempo que tentava mergulhar mais profundamente dentro de sua nova vida na Áustria, tentando viver como uma adolescente europeia, ela afastava-se mais de suas origens, o que causava uma contradição interna: “Quanto mais esforços eu fazia para me integrar, mais tinha a impressão de me distanciar da minha cultura, de trair meus pais e minhas origens, de jogar um jogo que não era meu.” (SATRAPI, 2007, p. 195).

A estadia de Satrapi na Áustria foi marcada por esse confronto de tradições e valores, que é explicado pelas profundas diferenças culturais entre o Oriente, representado na narrativa em questão pelo Irã, pátria natal de Satrapi, e o Ocidente, simbolizado pela Áustria, para onde migrou. Segundo a autora, a desinformação da sociedade austríaca em relação ao Irã, enquanto ela já tinha considerável conhecimento

sobre o mundo ocidental, configurou-se como um obstáculo nessa busca pela integração. Para os europeus, uma imigrante iraniana representava o desconhecido e o diferente, o que dificultava a sua aceitação no novo país.

A interação contemporânea entre Oriente e Ocidente, como a representada em *Persépolis* (2007) é, para o autor Edward Said (2007), um reflexo da relação secular e desigual entre as duas regiões. Em sua obra principal, “*Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*” (2007), Said analisa os estudos desenvolvidos sobre as civilizações orientais, sobretudo a partir do século XVII, tecendo críticas pela forma como as publicações ocidentais criaram uma visão distorcida do Oriente.

Para o autor, esses estudos sobre o Oriente representavam os orientais como figuras antagônicas aos europeus, criando uma diferenciação entre os dois povos que servia aos interesses coloniais da época. Said (2007) explica em sua obra que os não-europeus eram retratados como inferiores e submissos, ao contrário dos ocidentais, que se colocavam em posição de superioridade e de dominação. O autor Luís Mauro Sá Martino (2010), sintetiza uma das críticas de Edward Said sobre o Orientalismo:

“Os trabalhos acadêmicos sobre o ‘Oriente’ partiam das concepções disponíveis - uma perspectiva na qual o ‘Oriente’ está associado ao exótico, ao diferente, aos elementos distantes da cultura europeia e que, desde o final da Idade Antiga são colocados em oposição. Entender essa ambiente, explica Said, não era uma questão de investigação, mas uma política intelectual para compreender o mundo além da Europa dentro dos padrões europeus - em outras palavras, uma estratégia para colocar todo um mundo longínquo nos limites e categorias do pensamento ocidental” (MARTINO, 2010, p. 97).

Em sua obra, Said questiona também a ideia disseminada de que os orientais eram os “outros”, dissemelhantes da figura correta do homem ocidental, e explica que esta noção funcionava como uma forma de “polarizar a distinção - o oriental torna-se mais oriental, e o ocidental torna-se mais ocidental - e de limitar o encontro humano entre culturas, tradições e sociedades diferentes” (SAID, 2007, p. 80). Martino (2010), acrescenta:

“O ‘Oriente’ criado pela Europa toma a própria cultura europeia como padrão, deixando os elementos diferentes ou exteriores a essa cultura relegados a um plano marginal - visto da Europa, o ‘Oriente’ é um lugar exótico, diferente, estranho a uma cultura europeia que poderia lhe ser bastante útil” (MARTINO, 2010, p. 97).

Em *Persépolis* (2007), é possível perceber a manutenção dessa hierarquia entre Oriente e Ocidente: os casos de xenofobia vivenciados pela autora são exemplos disso, mas não são os únicos. A ignorância dos europeus sobre o Oriente Médio, a região natal de Satrapi - enquanto a jovem já tinha ampla bagagem acerca do mundo ocidental -, a forma fetichizada com que era vista mesmo por seus colegas próximos e a estereotipificação que sofria são outras situações que demonstram o caráter problemático dessa relação.

O fato de ser iraniana, no entanto, acrescentava um peso ainda maior ao seu status de oriental. O momento de migração de Satrapi, os anos 80, coincidiu, não acidentalmente, com um dos períodos de mais conflitos e de mais mudanças da história do Irã<sup>4</sup> (COGGIOLA, 2008). Embora estivesse fora do país durante estes anos conflituosos, a jovem sofria as consequências dos acontecimentos que se passavam a milhares de quilômetros de distância. A instauração do novo regime afetou a forma como os imigrantes iranianos eram vistos e tratados em outros lugares do globo, como é constatado pela mãe de Satrapi em uma visita à Áustria, ao dizer que:

“Eu me lembro da época em que a gente visitava a Europa, era só mostrar o passaporte iraniano e vinha o tapete vermelho. Antes a gente era rico. Agora, assim que ficam sabendo da nossa nacionalidade, nos revistam como terroristas, nos tratam como pestilentos” (SATRAPI, 2007, p. 205).

O *status* de imigrante iraniano pós-Revolução Islâmica acrescentou, portanto, uma dificuldade ainda maior na trajetória de Satrapi, considerando o contexto no qual se deu o processo de migração: ainda que tenha deixado o país de forma voluntária, por desejo dos pais, a saída da jovem teve ar de autoexílio, pois a ida para Europa foi motivada pela ameaça representada pelo novo regime e pelas medidas por ele adotadas. No caso da autora e de milhões de outros indivíduos que saem do Leste em direção ao Oeste, o movimento migratório é ainda mais difícil por significar a travessia de um a

---

<sup>4</sup> A saída do xá do poder com a chamada Revolução Iraniana de 1979 levou os aiatolás ao trono e deu início a um período de perseguição política aos opositores do novo regime e aos que não seguissem a sharia, conjunto de leis islâmicas baseadas nos ensinamentos do Alcorão. A repressão e o medo fez com que muitos iranianos deixassem o país. Estima-se que cerca de 8.000 adversários políticos tenham sido mortos nos cinco primeiros anos do governo dos aiatolás (COGGIOLA, 2008).

fronteira imaginária entre os dois lados do mundo, traçado há séculos (SAID, 2007). Segundo Said, a criação deste limite entre Oriente e Ocidente funciona de forma a delinear também um limite étnico e cultural entre as regiões:

“Basta que ‘nós’ tracemos essas fronteiras em nossas mentes; ‘eles’ se tornam ‘eles’ de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como a sua mentalidade são designados como diferentes dos nossos. (...) As fronteiras geográficas acompanham as sociais, étnicas e culturais de maneiras previsíveis. (...) Todos os tipos de suposições, associações e ficções parecem amontoar-se no espaço não familiar fora do nosso” (SAID, 2007, p. 91).

Se deixar o Irã já significava um desafio para a jovem, o estabelecimento num país europeu e ocidental, como a Áustria, intensificou a proporção dessa mudança: ela não estava só saindo do Irã, mas também do Oriente Médio e do mundo islâmico, cruzando esta suposta fronteira, a qual teria sido criada justamente com o intuito de enfatizar as diferenças, demarcar um limite e acentuar a distância entre as duas regiões. Conforme retratado em *Persépolis* (2007), Satrapi era constantemente lembrada de que era uma estranha naquela sociedade e de que, apesar de seus esforços constantes para se adequar às normas culturais daquele local, ainda era vista como uma forasteira, sentindo-se à parte. Após três anos na Áustria, marcados por mudanças interiores e exteriores, Satrapi retorna ao Irã, acompanhada pela sensação de não-pertencimento.

Para Bauman, uma vez deparadas com a percepção dos seus conflitos identitários, as pessoas partem em busca de uma identidade unificada, o que seria uma tentativa de “alcançar o impossível” (BAUMAN, 2005, p. 16). Em *Persépolis* (2007), a busca de Satrapi por pertencimento se dá em meio aos deslocamentos físicos que vivencia e que a levam a se perguntar: se não é completamente parte de nenhum dos dois lugares, onde deve estar?

Esse questionamento, no entanto, é rebatido por Hall (2006), que alerta para essa tendência de se pensar na identidade como estando destinada a estar num lugar ou em outro, como se as duas únicas possibilidades fossem ou o retorno completo às “raízes” ou o desaparecimento na assimilação de uma nova cultura. Para o autor, este é um dilema inexistente: o conceito de tradução contempla a formação das identidades em deslocamento, que são constituídas num entrelugar cultural.

“Há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (HALL, 2006, p. 52).

Hall (2006) trabalha, ainda, com o conceito de hibridismo, ou seja, a noção de que, na sociedade contemporânea, ocorre o surgimento de identidades híbridas, não fixas, suspensas, e em transição, e que são produtos de cruzamentos e contatos entre culturas. No caso de Satrapi, a experiência migratória na Europa, assim como a influência da globalização ocidental durante sua infância e juventude, ocasionou o surgimento de uma identidade híbrida. As bagagens culturais e as experiências vividas no Irã e na Áustria se mesclaram, trazendo à tona uma identidade mista, composta de aspectos múltiplos e heterogêneos.

Segundo Hall, as culturas híbridas são características da sociedade contemporânea e “constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia” (HALL, 2006, p. 53). Para o autor, ainda existem muitos outros tipos de identidades a serem descobertos e explorados.

### **3. Considerações finais**

O presente trabalho buscou contribuir para as discussões acerca do não-pertencimento e do deslocamento das identidades culturais na contemporaneidade. Utilizando o quadrinho *Persépolis* (2007) como referência, a pesquisa realizou um estudo de caso na tentativa de compreender os acontecimentos que contribuíram para essa crise identitária vivida por Satrapi, crise esta comum aos imigrantes, segundo Bauman (2005). A pesquisa constatou que os deslocamentos migratórios vivenciados pela autora de *Persépolis* (2007), os quais foram intensificados por causa do cruzamento do suposto limite entre Oriente e Ocidente (SAID, 1994) e de sua nacionalidade, influenciaram seu processo de fragmentação identitária e não-pertencimento.

É importante refletir sobre a relevância das discussões acerca de pertencimento e identidade num momento em que os deslocamentos migratórios e o fenômeno da globalização seguem em alta. A expectativa é de que, cada vez mais, na sociedade contemporânea, a identidade vire uma questão problemática e o não-pertencimento uma sensação compartilhada por mais indivíduos ao redor do globo, como explica Bauman ao afirmar que:

“Eu compartilho essa sorte [questão de identidade nacional problemática] com milhões de refugiados e migrantes que o nosso mundo em rápido processo de globalização produz em escala bastante acelerada. Mas a descoberta de que a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único, é um aspecto que compartilho com um número muito maior de pessoas, praticamente com todos os homens e mulheres da nossa era ‘líquido-moderna’. As peculiaridades da minha biografia apenas dramatizaram e colocaram em pleno destaque um tipo de condição que hoje em dia é bastante comum, a caminho de se tornar quase universal. Em nossa época líquida-moderna, o mundo em sua volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma ‘comunidade de ideias e princípios’, sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver (...) a questão da *la mêmète* (a consistência e a continuidade da nossa identidade com o passar do tempo)” (BAUMAN, 2005, p.19)

A afirmação de Bauman (2005) chama atenção para as possibilidades dentro da discussão sobre identidade e pertencimento. Embora o presente trabalho tenha, por motivos práticos, se limitado a analisar as questões referentes à cultura e à nacionalidade, esse debate pode ser ampliado para outras áreas de identificação. Trabalhos posteriores nesse campo têm a possibilidade de tratar outros aspectos dessa temática, abordando, por exemplo, as questões de gênero dentro de *Persépolis* (2007) ou outros casos de deslocamento identitário e não-pertencimento sejam estes fictícios ou reais.

## Referências

ALVES, Luciane. **Entre globalização e exílio: deslocamentos em Persépolis** de Marjane Satrapi. In: II Jornada de Estudos Literários da UFRGS. Porto Alegre, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da da modernidade**. 1 ed. São Paulo: Edusp, 1997.

COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução iraniana**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DANTAS, Sylvia et al. Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Urbana**. Brasília, v. 18, n. 34, p.45-60, 2010.

ENNES, Marcelo; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Revista Sociologia**. v. 16, n. 35. P.274-305, 2014.

ERDMANN, Kathrin. Autora de *Persépolis* fala sobre emigração, revoluções e o Irã. **DW.COM**. Lisboa, 2011. Disponível em: <https://p.dw.com/p/12rvE>. Acesso em: 2 sept. 2020.

GELLNER, Ernest. **Nations and nationalism**. Oxford: Blackwell, 1983.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp 1990.

HAKIMZADEH, Shrin. **Iran: a vast diaspora abroad and millions of refugees at home**. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/article/iran-vast-diaspora-abroad-and-millions-refugees-home>. Acesso em: 20 ago. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. Entrevista com Stuart Hall. **Muiraquitã: revista de letras e humanidades**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/695/368>. Acesso em: 20 ago. 2020

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRISTEVA, Júlia. **Estrangeiros para nós mesmos**. 1 ed. São Paulo: Rocco, 1994.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?**.  
São Paulo: Paulus, 2010.